



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Amanda Martins Hutflesz, Roberto Francisco de Oliveira.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p8106-8128>

Artigo recebido em 2 de Outubro e publicado em 2 de Dezembro de 2025

RESUMO

Por meio da presente pesquisa, buscaremos não somente, explicar a origem da prática de magia, mas também a sua relevância para os antigos egípcios, bem como seus hábitos e costumes, sua crença nos deuses locais e regionais, os cultos dentro dos templos, as oferendas feitas às divindades em seus santuários, o ofício dos escribas, dos sacerdotes e dos sumo-sacerdotes, a prática da magia amorosa, o sistema de escrita hieroglífica considerada sagrada, pois na concepção religiosa dos egípcios, as letras e as imagens criavam a realidade no mundo físico. Propomo-nos a utilizar em nosso auxílio o suporte teórico da historiografia, presente nas obras dos especialistas: Joseph Toledano, Rosalie David, Robert Kriech Ritner, Ciro Flamarion Cardoso, David Silverman, Bridget Mcdermott, James Wasserman, Ogden Goelet, Carol Andrews, Raymond Faulkner.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

A prática da magia dos katadesmoi, circulou ao longo do Mar Mediterrâneo, deixando vestígios de sua existência, e nós recebemos este conhecimento por meio dos objetos encontrados, compreendidos como sendo os testemunhos de uma cultura material produzida pelas sociedades antigas. Tais artefatos foram analisados e também catalogados por Arqueólogos, Epigrafistas e Especialistas. A existência destes artefatos nos levam a concluir que uma interação cultural entre gregos e egípcios, de fato, ocorreu entre os séculos V ao IV a.C., em Atenas, Grécia. A presença dos nomes das divindades egípcias assim como Ísis, Osíris, Thoth, Anúbis e Typhon, que se apresentam inscritas sobre a superfície de um conjunto específico de lâminas de chumbo, como apontamos no tópico⁶²⁶ de número 1.6.3, Parte III, (análises) o qual é descrito como parte integrante do corpus documental elaborado para esta pesquisa, nos leva a deduzir que os homens/mulheres os quais produzem ou manipulam as finas lâminas dos katadesmoi eram magos/feiticeiros/pharmakides itinerantes, que transitavam pelas regiões banhadas pelo Mar Mediterrâneo, tais como Egito, Grécia, Trácia, Fenícia, Chipre, Cária, Roma, utilizando de táticas⁶²⁷ para oferecer os seus serviços de porta em porta, de forma oculta, sempre à noite, para a comunidade local, cobrando a cada contratante, uma quantia para que o ato mágico de impreciação/amarração contra o alvo/oponente fosse realizada com sucesso e eficácia.⁶²⁸

Através dos resultados obtidos a partir deste trabalho de pesquisa, temos condições de compreender de maneira mais clara, algumas das ações as quais tomaram lugar na vida, no tempo e no espaço dos antigos gregos do V século a.C. Podemos ressaltar inclusive, que parte da sociedade dos atenienses passou a aderir às práticas religiosas estrangeiras, que de acordo com a teoria de Michel de Certeau são ações consideradas como práticas de desvio⁶²⁹, já que um grupo de indivíduos passa a agir de maneira divergente, contra as leis e contra a tradição dos atenienses. Estas ações configuram-se como práticas de teor mágico no qual os usuários da magia não mais estavam visando o bem comum, o bem do coletivo, mas sim, deixando transparecer uma necessidade individual de ganho/sucesso que parecia

⁶²⁶Análises, traduções e o catálogo que reúne o nosso corpus documental de artefatos arqueológicos, que estão materializados através das lâminas de chumbo dos katadesmoi e dos PGM (Papiros Mágicos Greco-Egípcios).

⁶²⁷CERTEAU, 1998. Aplicamos o conceito de táticas de acordo com Certeau, como sendo a prática da magia dos katadesmoi, sendo realizada pelo mago às escondidas e usando invocações aos nomes dos deuses gregos e egípcios durante o ritual, o qual em geral, ocorria dentro de cemitérios ou locais afastados da ágora ateniense.

⁶²⁸ CANDIDO, 2009.

⁶²⁹ CERTEAU, 1998. Aplicamos o conceito de práticas de desvio, sobre a circulação da ação mágica dos katadesmoi em meio à sociedade políade do V século a.C., que de acordo com Certeau, podem ser compreendidas como operações específicas e culturais que são movimentos, indeterminados e insuspeitáveis. p. 44.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

conduzir somente à obtenção da vantagem pessoal, a qual poderia ser solicitada/contratada/comprada das mãos dos mago estrangeiros, como a prática da magia de usar os katadesmoi, as finas lâminas de chumbo de impreciação, com o intuito de fazer mal ao inimigo e/ou remover um obstáculo. Essa trajetória pode ser compreendida dentro de um sistema no qual os magoi/goetes/feiticeiro evocam os deuses ctônicos gregos e egípcios e trácios através dos katadesmoi visando altas possibilidades de ganho, já que a situação indica que o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas, encontrando maneiras de se aproveitar da ocasião. Entendemos este comportamento cultural e social sobre o uso da magia nas práticas cotidianas, como astúcias de solicitante da magia que compõem a rede de uma antidisciplina e tipos de operações específicas percebidas através das maneiras de fazer e da maneira de usar.⁶³⁰

No Antigo Egito, sacerdotes e faraós praticavam a magia que tinha por objetivo, prejudicar o inimigo ou levá-lo à morte por meio das figuras de cera encantadas. Para Geraldine H. Pinch, este tipo de mágica, poderia servir ao propósito de defender e proteger alguém contra algum ataque e perigo iminente, ou mesmo para causar dano ao inimigo, dependendo da intenção do mago. A produção destes objetos mágicos, conferiu aos sacerdotes às pessoas comuns, uma maneira simples para conseguir controlar os deuses. Era preciso encantar as estátuas entoando palavras mágicas apropriadas, para desta forma, compelir a divindade a vir habitar dentro dela.⁶³¹ Ann Rosalie David ressalta que, nas épocas pré-dinásticas do Egito, foram encontradas figuras de argila e marfim, depostas dentro de covas badarianas, que aumentaram em grande quantidade nas culturas dos períodos relativos à Naqada I e Nagada II. Tais bonecas mágicas, podem ter representado tanto os deuses locais cultuados pela sociedade da época, como também, imagens de pessoas ou oferendas votivas⁶³². Tal fato nos chama à atenção por manter similitudes com a prática da magia dos katadesmoi, que emerge em Atenas, a partir do V século a.C., pois existem registros arqueológicos⁶³³, epigráficos⁶³⁴ e historiográficos⁶³⁵ os quais ratificam a presença e a circulação da produção de bonecas usadas em rituais de magia amorosa, transpassadas

⁶³⁰ CERTEAU, 1998.

⁶³¹ PINCH, 1994.

⁶³² DAVID, 2011.

⁶³³ GAI (German Archaeological Institute) e EFA (Athens French School).

⁶³⁴ American School of Classical Studies in Athens (Hesperia).

⁶³⁵ Ogden, Daniel. "Binding Spells: Curse Tablets and Voodoo Dolls in the Greek And Roman Worlds. " [Witchcraft And Magic in Europe: Ancient Greece and Rome](#). University Of Pennsylvania Press (November 1999) ISBN: 0812217055.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

com pregos, feitas de cera ou argila pelas mãos dos magos itinerantes que passam a habitar em Atenas, oferecendo seus serviços à comunidade local. Outra prática egípcia, também similar à prática dos helenos de adentrar os templos políades clamando aos deuses da cidade por proteção para os cidadãos, se manifestava através do ato de evocar os nomes dos deuses, dentro dos templos e santuários, diante das estátuas das divindades levando a elas, seus pedidos e suas súplicas. Para os egípcios, dentro de cada estátua, habitava a alma e a essência de Deus⁶³⁶.

Quando se tratava das estátuas dos deuses, estas eram mantidas e protegidas pelos sacerdotes dentro dos templos, local sagrado, onde todas as cerimônias e rituais ocorriam para agradar e satisfazer as divindades. Segundo Joseph Toledano outro hábito dos egípcios era consultar as estátuas dos deuses para perguntar sobre o futuro ou para pedir conselhos, como uma espécie de oráculo. Certa vez, afirma J. Toledano, que o embaixador do Reino de Bekhten, viajou ao Egito para solicitar ajuda para as suas filhas, as quais se encontravam tomadas por uma doença. O faraó concedeu então 5 estátuas de 5 divindades ao pai das princesas para levá-las para sua casa e colocá-las diante das filhas. Para os egípcios, era como se os próprios deuses estivessem presentes no local, e através do uso da heka – a magia - conseguiriam atuar juntamente aos doentes e auxiliar diretamente no processo de cura das enfermidades⁶³⁷.

Sobre a prática da magia egípcia, trazemos ao debate o nosso tema de pesquisa, a prática da magia amorosa. Como exemplo de prática de magia amorosa no Antigo Egito, vamos apresentar a História de um marido que sofreu traição e acaba por aderir ao uso da magia visando destruir o oponente e retirá-lo definitivamente do seu caminho e da vida de sua esposa. O marido em questão tinha o ofício de sacerdote oficial do faraó que reinou durante este período em questão. Desconfiado da traição da esposa, em um belo dia, o sacerdote chegou na residência em horário diferente do habitual. Sem fazer ruído, ele foi até a piscina e viu o jovem e feliz casal conversando e rindo bem alto. Neste momento, o sacerdote começou a produzir um objeto feito de cera, com a forma de um crocodilo. O homem caminhou até a piscina, e diante dos olhos dos traidores disse algumas palavras mágicas e depois, jogou o pequeno boneco dentro da água. O resultado da prática mágica foi o seguinte: O boneco de cera cresceu e se tornou um monstruoso, gigante e faminto

⁶³⁶ TOLEDANO, 2004.

⁶³⁷ Op., Cit., 2004.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

crocodilo. O sacerdote pronunciou novamente as suas palavras mágicas e desta vez, o animal feroz abocanhou o amante e o levou para o fundo das águas da piscina, mantendo-o como sua presa até que o marido dessa ordem para que ele voltasse para a superfície, o que ocorreu, porém, o corpo do amante já estava sem vida neste momento.⁶³⁸

A prática da heka estava presente no ato de desenhar e de escrever para a sociedade egípcia. A Escrita Hieroglífica era considerada sagrada pelos habitantes da região e na concepção religiosa dos egípcios, as letras e as imagens criavam a realidade. Os sacerdotes também eram conhecidos por terem a capacidade de manipular o uso da heka, pois em geral, era esperado deles que pudessem fazer o que fosse necessário, visando atender aos desejos e às solicitações dos seus faraós. Estes sacerdotes eram funcionários de grande poder e prestígio no Antigo Egito. Eles ficavam encarregados da administração dos templos, do calendário de festivais, do culto aos deuses tradicionais do Panteão, do embalsamento das Múmias Reais, da confecção de amuletos e da performance das práticas de magia, como por exemplo, oficiar diante do corpo do defunto (e de seus familiares), o Ritual de Abertura da Boca⁶³⁹ Esta espécie de conhecimento mágico sugere que o sacerdote tinha a capacidade de saber como criar a materialização dos desejos daqueles que buscavam viver de acordo com a ordem cósmica, a ética, a verdade, a justiça e o equilíbrio, fatores estes que eram primordiais para os egípcios, afinal, de acordo com a cultura desta sociedade, o homem que apresentava um comportamento sem pecados, digno e justo em vida, teria todas as chances de alcançar a vida eterna, e seria certamente absolvido diante do julgamento⁶⁴⁰ de Ma'at e transformando-se para sempre no Osíris justificado.⁶⁴¹

Desenhar, escrever e falar era criar a própria realidade, como afirma Ciro Flamarion Cardoso “que os egípcios professavam uma crença no poder criador da palavra”⁶⁴². As iconografias funerárias apresentam cenas de reis vivos, mesmo após a morte, desfrutando de alegria e saúde, habitando nos campos dos juncos, ou velejando com as divindades pela abóbora celestial, festejando, amando, comendo, bebendo, dançando, cantando, honrando

⁶³⁸ TOLEDANO, 2004.

⁶³⁹ The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. O Dr. Ogden Goelet. Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991. Plate 6-A e Plate 6-B, Chapter I (continued).

⁶⁴⁰ Op., Cit., Chapter 30B, Plate 3-A e Plate 3B.

⁶⁴¹MC DERMOTT, Bridget. Dechiffrier les Hieroglyphes: Comment Lire L'Écriture Sacrée des Pharaons. Editions GRÜND. Paris: 2002.

⁶⁴² CARDOSO, 1987, p.86.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

seus deuses e passeando com eles na Barca Solar por toda a eternidade.⁶⁴³

Funcionários como os Carpinteiros, Arquitetos, Desenhistas, Pintores, Escribas e os Sacerdotes Reais, ficavam encarregados de esculpir, pintar ou desenhar todas as cenas e textos mágicos, que apresentavam, com frequência, as imagens dos faraós lado a lado com os deuses, desfrutando da vida após a morte de forma festiva, saudável e próspera. O contexto analisado sugere que tais cenas e textos, representavam um reflexo de ideias egípcias de uma realidade perfeita, de acordo com suas crenças e necessidades religiosas, como ilustra Goelet Jr., uma destas concepções era a de renascer após a morte.⁶⁴⁴

No Antigo Egito, os sacerdotes faziam uso diário das práticas de magia em meio ao cotidiano dos egípcios e além disso, também eram funcionários de grande poder e prestígio que estavam sempre próximos aos faraós em todas as ocasiões, inclusive durante as festividades realizadas em honra aos deuses locais. Eles ficavam encarregados da administração dos templos, do calendário de festivais, do culto aos deuses tradicionais do Panteão, da embalsamação das Múmias Reais, da confecção de amuletos e da performance das práticas de magia. Esta espécie de conhecimento mágico sugere que o sacerdote tinha a capacidade de saber como criar a materialização dos desejos daqueles que buscavam viver de acordo com a ordem cósmica, a ética, a verdade, a justiça e o equilíbrio, fatores estes que eram primordiais para os egípcios.⁶⁴⁵

Tanto no Egito quanto na Grécia, consideramos que a população nutria um sentimento de temor e medo das ações dos mortos de antes do tempo, aqueles que não chegaram a completar o ciclo de vida normal entre os humanos, como nascer, crescer, envelhecer e morrer, ou seja, as crianças, os suicidas, as vítimas de homicídio ou de morte acidental, como ocorreu com o companheiro do Imperador Romano Adriano, de nome Antínoo. Antínoo sofreu morte acidental no ano de 130 d.C., após cair dentro do rio Nilo (Egito) e afogar-se antes de ser salvo. Ambas as sociedades antigas, acreditavam que, esses mortos prematuros, poderiam voltar do mundo dos mortos para causar prejuízo, doenças, pesadelos, e desordem ao mundo dos vivos, principalmente aos seus familiares.⁶⁴⁶

Os pesquisadores Robert Kriech Rittner⁶⁴⁷ e Dra. Rosalie David⁶⁴⁸ mencionam em

⁶⁴³ MC DERMOTT, 2002.

⁶⁴⁴ GOELET Jr. 1991, p. 160.

⁶⁴⁵ TOLEDANO, 2004: p. 60.

⁶⁴⁶ CANDIDO, 2009.

⁶⁴⁷ RITNER, Robert Kriech. *The Mechanics of Ancient Egyptian Magical Practice*. Oriental Institute Press. Chicago: 2008.



suas publicações que, os egípcios e trácios acreditavam no poder mágico da palavra falada, escrita e de imagens, já que, no Egito Antigo a escrita hieroglífica era considerada sagrada Rosalie David ratifica que “os textos compreendidos como textos mágicos eram constantemente inscritos em locais dentro das tumbas e em objetos funerários nos quais não seriam visíveis, uma vez selado o sepulcro.”⁶⁴⁹ A respeito dos Hieróglifos, nome atribuído aos diversos tipos de símbolos/e ou formas através dos quais, os Antigos Egípcios se comunicavam com os deuses por meio do ato mágico de escrever em câmaras funerárias, rochas, papiros, estátuas, caixões, sarcófagos, etc, a egiptóloga Ann Rosalie David aponta que os relatos mais antigos, foram encontrados em contextos religiosos. Esses registros sobre a Antiga Escrita Sagrada fornecem uma versão empírica da língua egípcia. Na Antiguidade, acreditava-se que os Hieróglifos pudessem ser utilizados para materializar no mundo físico, conceitos ou eventos, por meio do ato mágico da ação prática dos escribas, sacerdotes ou dos faraós.⁶⁵⁰

O uso da magia presidia a existência dos egípcios como apontam J. Toledano e Geraldine Harris Pinch pois ambos ratificam em suas análises que a palavra egípcia em geral traduzida como mágica é heka⁶⁵¹, e que durante um longo período de tempo, o Egito foi como o criador de si considerado não somente a Terra do mistério e da magia, mas também, uma fonte de conhecimento oculto, onde a magia era usada pela divindade criativa com a finalidade de criar o mundo.⁶⁵² J.Toledano afirma que para a sociedade egípcia, as pinturas, imagens, objetos, os símbolos, as cerimônias, os encantamentos e os amuletos, estavam permeados de poderes, da mesma forma que, para alcançar o resultado esperado do ritual, era preciso pronunciar em voz alta certos nomes, vogais e palavras consideradas mágicos tais eventos apontam para a presença de semelhanças no que diz respeito às práticas

⁶⁴⁸ DAVID, Rosalie. *Religião e Magia no Antigo Egito*. Tradução: Ângela Machado, São Paulo: DIFEL. 2011.

⁶⁴⁹ DAVID, 2011, pgs.52-52.

⁶⁵⁰ DAVID, 2011.

⁶⁵¹ O deus Heka era definido em uma forma humana, como o Ba (alma ou manifestação) do deus sol. Algumas vezes com o sinal que descreve seu nome acima de sua cabeça. Heka pode ser identificado

⁶⁵² TOLEDANO, Joseph. *Egyptian Magic: The Forbidden Secrets of Ancient Egypt*. Astrolog Publishing House Ltd. Israel: 2004. Geraldine Pinch em sua obra *The Egyptian Magic* (1994: 08) fala-nos sobre o mito Egípcio, onde o estado inicial do universo foi o caos, e que, antes da criação havia apenas a escuridão, um oceano conhecido como Nun. E dentro do Nun, havia uma grande serpente ou dragão Apepi (Apópolis) que incorporava as forças destrutivas do caos. Quando o primeiro país, a primeira colina surgiu do Nun, o espírito do criador teve um lugar a partir do qual tomar forma. O criador colocou ordem no caos, e, esta ordem divina era personificada por uma deusa chamada Ma'at. Segundo Pinch, a palavra Ma'at trazia o significado de justiça, verdade e harmonia, e assim, finalmente o criador tinha criado os deuses e os humanos.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

culturais de gregos e egípcios.⁶⁵³ Sandra Ferreira dos Santos ressalta que os gregos antigos, tal como os egípcios, acreditavam no poder da palavras escrita, esculpida nas pedras, tal como ocorria com a escrita dos Hieróglifos, considerados no Antigo Egito como uma sistema de escrita mágica e sagrada, o qual poderia produzir na terra uma realidade já existente através de mente.⁶⁵⁴ O deus da magia, heka, era descrito como a energia a qual tornava possível o advento da criação, e os egípcios acreditavam que todo o ato de mágica era tido como uma continuação do processo criativo.⁶⁵⁵

Um aspecto especial e muito importante da religião egípcia eram as crenças funerárias.⁶⁵⁶ Também observamos em nossa investigação que, tanto os egípcios, quanto os gregos eram politeístas, e cultuavam suas divindades locais diariamente em templos e santuários localizados em suas regiões. No entanto, percebemos que não era costume entre os helenos, que embalsamassem os cadáveres dos mortos; eles tinham como tradição depositá-los em piras para queimá-los ou sepultá-los. Para esta sociedade, o corpo do defunto deveria ser tratado de acordo com costumes funerários, recebendo assim todos os preparativos e cuidados necessários para que a sua existência no pós-vida fosse garantida. Heródoto ratifica que o embalsamamento do corpo do morto no Egito, tomava cerca de 70 dias. “Quando lhes trazem um corpo, mostram aos portadores modelos de mortos em madeira, pintados ao natural.”⁶⁵⁷ O ofício de Sacerdote-embalsamador era considerado sagrado pelos egípcios, por manterem certa mesmo, particularmente quando sua aparência surge em forma de criança, simbolizando a emergência de uma nova vida. A proximidade junto aos deuses nos templos, através de cerimônias e festas públicas, o que conferia ao especialista maior prestígio e poder diante da comunidade. “Há no Egito, certas pessoas encarregadas por lei de realizar os embalsamamentos, e que fazem disso profissão.”⁶⁵⁸ Para Toledano⁶⁵⁹ a religião não se constituía em um aspecto separado da existência, e eles acreditavam na sobrevivência do espírito após a morte, o que torna-se verificável por meio de Literatura⁶⁶⁰, Mitologia⁶⁶¹ e da História⁶⁶², as narrativas as quais temos acesso na

⁶⁵³ TOLEDANO, 2004.

⁶⁵⁴ SANTOS, 2012.

⁶⁵⁵ PINCH, 1994.

⁶⁵⁶ CARDOSO, Ciro Santana Flamarion. A Cidade Estado-Antiga: Editora ática, 1993.

⁶⁵⁷ HERÓDOTO, Livro II, p. 171.

⁶⁵⁸ Ibid, Livro II, p. 171.

⁶⁵⁹ TOLEDANO, Joseph. Egyptian Magic: The Forbidden Secrets of Ancient Egypt. Astrolog Publishing House Ltd. Israel: 2004.

⁶⁶⁰ ARAÚJO, Emanuel. Escrito para a Eternidade. Editora UNB: 2022.

⁶⁶¹ PLUTARCO. De Ísis e Osíris. Edição Bilingue. Tradução, Edição e Notas: Maria Aparecida de Oliveira



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

atualidade. Tais narrativas falam sobre seus costumes e crenças, e os ritos fúnebres faziam parte destas crenças tornando-se um dos principais objetos de pesquisa para os Egiptólogos e Historiadores. Antonio Brancaglioni Junior⁶⁶³ escreveu sobre os egípcios em sua obra⁶⁶⁴: “eles acreditavam na permanência da personalidade individual após a morte; o que lhes aguardava do outro lado da vida era o que os preocupavam.”⁶⁶⁵ Os egípcios imaginavam que o morto poderia renascer a partir do corpo preservado e sepultado dentro da tumba, que era a sua Casa de Eternidade, Pr Ank, na qual recebia oferendas de comida e bebida como explica Ciro Flamarion S. Cardoso em sua obra⁶⁶⁶ (e da qual eventualmente poderia escapar por algum tempo em forma de pássaro). O defunto ainda poderia passar toda a existência no além, navegando na Barca de MilAnos, (ou Barca Solar do deus Rá), ou vivendo feliz no Campo dos Juncos, após ser absolvido pelo deus Wsr, Osíris, Nb Abdws Ntr Aa Khenty Imenentyw⁶⁶⁷, diante dos 42 juízes os quais presidem a pesagem da consciência do morto, dentro da Sala das Duas Ma’ats⁶⁶⁸, no Tribunal de Osíris, que, como era o governante do mundo dos mortos, o subterrâneo, o Ocidente, (chamado também de Amenti pelos egípcios).⁶⁶⁹

A religião funerária era profundamente penetrada de magia em todos os seus aspectos. As crenças sobre a vida depois da morte fizeram dos túmulos egípcios os mais ricos de toda a História humana, em oferendas enterradas com os defuntos e em representações diversas da vida cotidiana e das atividades profissionais do morto e seus subordinados: Daí a sua extraordinária importância como fonte histórica.⁶⁷⁰

Os egípcios eram adeptos da prática ritual cotidiana em sua sociedade, de depositar as suas oferendas em templos para seus deuses locais, provavelmente com o propósito definido, e ao que nos parece se tratar de uma forma de expressar gratidão ou de até mesmo, algum tipo de súplica, ora por favores, ora por proteção, talvez representasse um

Silva. Copyright © 2022 by Maria Aparecida de Oliveira Silva.

⁶⁶² MC DERMOTT, Bridget. *Dechiffrier les Hieroglyphes: Comment Lire L'Écriture Sacrée des Pharaons*. Editions GRÜND. Paris: 2002.

⁶⁶³ BRANCAGLIONI jr. Antonio. O eufemismo da morte no Antigo Egito. *Clássica*, São Paulo, 7/8: 25-32, 1994-1995.

⁶⁶⁴ BRANCAGLIONI jr., 1994-1995.

⁶⁶⁵ BRANCAGLIONI Jr., 1994-1995, p. 28.

⁶⁶⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *O Egito Antigo*. Coleção Tudo é História, 6ª Edição. Editora Brasiliense, São Paulo: 1982.

⁶⁶⁷ Epítetos da divindade egípcia Osíris: Senhor de Ábidos, o Grande Deus, o Primeiro dos Ocidentais.

⁶⁶⁸ Ma’at era uma deusa egípcia. Para os Antigos Egípcios simbolizava a ordem, a verdade, a justiça e o equilíbrio.

⁶⁶⁹ BRANCAGLIONI Jr., 1994-1995; CARDOSO, 1987.

⁶⁷⁰ CARDOSO, 1987, p. 92.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

jeito de se precaver diante das adversidades da existência no mundo dos vivos, já que “a fé pessoal era necessária para responder às tragédias da vida.”⁶⁷¹ Ao estabelecer uma via de equiparação entre as crenças, sentimentos, comportamentos, outra analogia que encontramos por meio do documento⁶⁷² e da Historiografia Inglesa⁶⁷³ deixa transparecer que, tanto os gregos, quanto os egípcios, temiam o retorno dos espíritos malignos dos mortos à terra: O mut. O mut, era aquele indivíduo que faleceu e não alcançou a transfiguração pela luz do deus Rá no Mundo Inferior; no Amduat. Estes espíritos (mut) eram maldosos e mal-intencionados.⁶⁷⁴

Outra questão que emerge em meio às crenças e idéias religiosas desta sociedade que devemos abordar, é que, os egípcios faziam para os deuses e para os defuntos, uma quantidade significativa de oferendas em frente aos templos e também, diante de câmaras mortuárias, e todos os parentes precisavam manter o ciclo contínuo dos ritos funerários, para que o defunto fosse provido de tudo o que precisava ao acordar em sua vida rumo à eternidade. Devemos trazer à memória aquelas pessoas que não receberam por parte de suas famílias, todos os ritos e oferendas de costume. Aqueles que não receberam um local de repouso eterno, como a câmara funerária, ficaram sem comida, sem a bebida, o incenso, as peças de linho, os perfumes, a cera e daí por diante. Mark Joshua ratifica em sua obra⁶⁷⁵ que, um dos rituais fúnebres dos habitantes das Terras dos faraós consistia em que os vivos fossem depositar com regularidade, as oferendas para os mortos em suas tumbas. No Antigo Egito, haviam crenças populares sobre a vida após a morte, que já faziam parte do imaginário cotidiano da sociedade. Tais crenças apontavam que aqueles defuntos insatisfeitos com a morte, poderiam gerar problemas para a vida dos vivos, e para Baines, “a identidade das almas dos mortos nem sempre estava clara.”⁶⁷⁶ Acreditava-se que os mortos de antes do tempo, sentiam raiva e inveja, e, portanto, encontrariam meios de usar de atos de vingança contra familiares, amigos, animais e plantações. Além deste fato, nossa pesquisa nos leva a crer que os defuntos eram objeto de ritos de magia e tinham a capacidade de ouvir os apelos e as súplicas, dos viventes, assim como os deuses escutavam todas as preces nos templos, e Baines destaca que “podia-se fazer um apelo para que um morto amparasse um vivo” em momentos de dificuldade.⁶⁷⁷

⁶⁷¹ DAVID, 2011, p. 71.

⁶⁷² HERÓDOTO. História. Livro II.

⁶⁷³ MARK. Joshua J. Letters to the Dead in Ancient Egypt. Junho: 2017. Artigo publicado em meio digital. Ver em: <https://www.worldhistory.org/article/1051/letters-to-the-dead-in-ancient-egypt/>. DAVID, Rosalie. Religião e Magia no Antigo Egito. Tradução: Ângela Machado, São Paulo: DIFEL. 2011. [SILVERMAN, David P. Ancient Egypt. Oxford University Press, 1997.](#)

⁶⁷⁴ BRANCAGLION Jr., 1994-1995.

⁶⁷⁵ JOSHUA. Mark J. Ancient Egyptian Culture. www.worldhistory.org: 2013. Artigo publicado pelo autor em meio digital: https://www.worldhistory.org/Egyptian_Culture/.

⁶⁷⁶ BAINES, John. As religiões no Egito Antigo: Deuses, Mitos e Rituais Domésticos. Byron E. Shafer (org.) John Baines, Leonard H. Lesco, David P. Silverman; Tradução de Luís S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 150.

⁶⁷⁷ BAINES, 2002, p. 157.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

Porém, reconhecemos que havia ainda para os egípcios, uma questão que aparenta ser de difícil solução: Caso os vivos não obtivessem respostas para seus interesses individuais, eles poderiam deixar de colocar as ofertas de comida, bebida e outros itens na tumba do morto, e caso isso acontecesse, “era mais provável que fosse assombrado por um espírito raivoso do que ter seu pedido atendido.”⁶⁷⁸ John Baines pontua em sua obra⁶⁷⁹ que os vivos acreditavam que “os mortos maliciosos” tinham a capacidade de assombrar os vivos, causando males e perturbações. Caso “uma hiena atacasse o rebanho” de alguém, a alma do defunto poderia ser a responsável pelo ataque. Imaginava-se que as almas poderiam retornar ao plano dos vivos para causar-lhes todo tipo de mal, atrapalhando a ordem cósmica da existência de todos, causando-lhes doenças, assombrando seus sonhos, tornando as plantações inférteis, amaldiçoando o gado e os outros animais que a família possuía.

Aqui é possível observarmos certas similitudes existentes entre a prática dos gregos em associar-se aos magos visando prejudicar o inimigo através do uso dos katadesmoi, pois, o oficiante do trabalho mágico, munido de habilidade e eficácia tinha por preceito básico estabelecer uma relação dialógica com os espíritos daqueles que morreram antes do tempo e com os deuses ctônicos egípcios clamando oralmente pelos seus nomes, e também, de forma escrita, por meio dos textos contidos na superfície das lâminas de chumbo de maldição, e como afirma Gordon em se tratando de magia, palavras significam atos.⁶⁸⁰

Heródoto ao traçar o itinerário da magia grega a partir da religião egípcia, deixa transparecer que a magia que visa fazer mal aos inimigos, os katadesmoi, formava um conjunto específico de saber cuja prática situava-se fora da paideia grega.⁶⁸¹ Maria Regina Candido, pontua que “a prática mágica dos gregos que tinha por objetivo prejudicar o inimigo havia sido resultado da interação cultural entre Gregos e os Egípcios.”⁶⁸² O historiador Heródoto afirma que a Hélade/Grécia assimilou do Egito quase todos os nomes das divindades, bem como as práticas mágicas.⁶⁸³ O egiptólogo Robert Kriech Ritner assegura que: “dez medidas de magia vieram para o mundo, e o Egito recebeu nove delas; porém, o resto do mundo recebeu apenas uma medida.”⁶⁸⁴ A pesquisadora Maria Regina Candido defende que a magia é complementar à religião e o que existe são as nossas definições sobre

⁶⁷⁸ Ibid., 2002, p. 157.

⁶⁷⁹ BAINES, 2002.

⁶⁸⁰ GORDON, 1999, p. 205

⁶⁸¹ HERÓDOTO, Livro II.

⁶⁸² CANDIDO, 2004, p. 132.

⁶⁸³ HERÓDOTO, Livro II.

⁶⁸⁴ RITNER, Robert Kriech. *The Mechanics of Ancient Egyptian Magical Practice*. Oriental Institute Press. Chicago: 2008, p. 01.



estes conceitos.⁶⁸⁵

Uma das mais importantes obras⁶⁸⁶ produzidas pela classe sacerdotal egípcia em fins da XVII e início da XVIII dinastia, nos apresenta o modus de funcionamento do pensamento mágico-religioso dos antigos egípcios, cujos textos que apresentam os Encantamentos Mágico- Funerários foram inscritos Classe Sacerdotal do Deus Amon, em Tebas, ao final da XVII e início da XVIII dinastia egípcias. O sistema de escrita utilizado pelos sacerdotes e escribas locais foram os hieróglifos cursivos, pintados com tinta preta e vermelha sobre centenas de folhas de papiro necessárias para a composição da coletânea. Devemos esclarecer que os antigos faraós egípcios, acreditavam que em sua viagem rumo à eternidade, eles poderiam vivenciar todas estas experiências como se fossem algo de concreto, já que no imaginário dos reis da época, todas as cenas e os textos eram mágicos, e, portanto, estes papiros, eram parte indispensável do enxoval funerário dos faraós. Estacoletânea de papiros reunidos, na atualidade, têm sido referenciada pelos Egiptólogos contemporâneos com o nome de Capítulos para (a alma) sair à luz (do dia), mais conhecido pelo nome de Livro dos Mortos do Antigo Egito⁶⁸⁷. Ao realizar uma análise de algumas das vinhetas e encantamentos funerários contidos neste livro, percebemos que, para a sociedade egípcia, a materialidade dos desejos dos reis, poderia ser alcançada através do uso dos signos escritos, as imagens de objetos, plantas, pessoas, casas e animais, ou Hieros Glyphein, (Inscrição/gravação ou Letras Sagradas) e foram também, classificados pelos linguistas como pictogramas, formando assim, o que conhecemos como o alfabeto hieroglífico. Estes símbolos eram pintados pelos profissionais tanto em paredes localizadas no interior das pirâmides, no interior e no exterior dos sarcófagos, caixões, estelas funerárias de oferenda, obeliscos, estátuas, templos e câmaras de enterramento.⁶⁸⁸

⁶⁸⁵ CANDIDO, 2017, p. 17.

⁶⁸⁶ The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. Dr. Ogden Goelet. Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991.

⁶⁸⁷ The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. Dr. Ogden Goelet. Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991.

⁶⁸⁸ TOLEDANO, 2004.

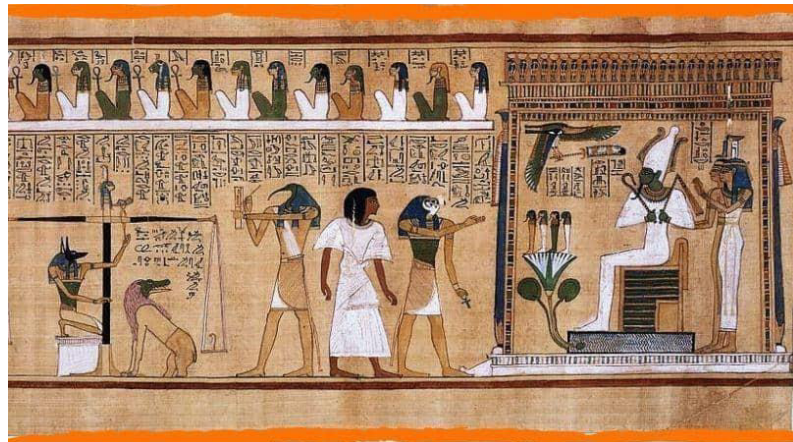


Figura 06: Capítulo 30b. Iconografia Funerária referente ao Livro dos Mortos do Antigo Egito (The Complete Papyrus of Ani), conhecido desde o século XX como “Os Capítulos para a Alma sair (à luz) do Dia”. A vinheta apresenta uma típica cena de Ritual Mágico de Psicostasia, onde a consciência do defunto, o escriba Ani-Osiris, deveria ser julgada diante do Tribunal composto por 42 deuses egípcios. Imagem: HUTFLESZ, Amanda Martins. Acervo pessoal do autor. 2023. Consta também da Bibliografia desta Dissertação: The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. Dr. Ogden Goelet, Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991.

As práticas mágicas dos egípcios ligadas ao amor, na Antiguidade, mantinham estreita relação de conexão com os cultos, oferendas e festivais realizados em honra às divindades primordiais locais, principalmente, para com as deusas Ísis, Néftis e Hathor, que, de acordo com os egiptólogos⁶⁸⁹, mitólogos⁶⁹⁰ e historiadores⁶⁹¹, representavam no imaginário popular da sociedade egípcia, as características relacionadas à maternidade, à proteção dos filhos, à magia, às festas, música, dança, alegria e a proteção aos mortos enterrados na região ocidental do Vale do Nilo.⁶⁹²

Uma destas divindades primordiais era a deusa Ísis. Evocações à deusa Ísis foram encontradas pelos epigrafistas e arqueólogos em diversos textos mágicos escritos, tanto sobre a superfície das lâminas de chumbo dos katadesmoi, como sobre os papiros mágicos greco- egípcios. Nos Mistérios de Ísis, mulheres gregas e romanas, assimilaram a figura

⁶⁸⁹ HELCK, Herausgegeben Von Wolfgang, (editores) O'CONNOR, David, SILVERMAN, David P. Ancient Egyptian Kingship. Probleme der Ägyptologie. E.J. Brill Leiden, New York: Köln, 1995.

⁶⁹⁰ ELLIS, Normandi. Deusas e Deuses egípcios: Festivais de Luzes, celebrações para as estações da vida baseadas nos mistérios das deusas egípcias. Tradução: Marcos Malvezzi Leal: Editora Madras, 2003.

⁶⁹¹ GRALHA, Júlio César Mendonça. A legitimidade do poder no Egito ptolomaico: cultura material e práticas mágico-religiosas. Tese (doutorado) apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: [s.n.], 2009.

⁶⁹² GRALHA, Júlio César Mendonça. CARIA, Thamís Malena Marciano. Hathor, Atributos e Mitos: Sem ela, o amor, o prazer e a felicidade não são eternos. Philia, - Informativo de História Antiga – Núcleo de Estudos da Antiguidade – UERJ, Rio de Janeiro: Fev - Mar de 2012.



**A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS
MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS**

Hutflesz e Oliveira, 2025.

feminina heróica da boa mãe, da esposa digna e fiel, da castidade atribuída à deusa. Normandi Ellis aponta para a possibilidade destas mulheres levarem uma vida tão regrada, condicionada e limitada que elas buscavam consolo para os momentos de desespero na presença da divindade, e que a prática dos rituais em honra a Ísis serviria também para o fortalecimento do espírito humano feminino.⁶⁹³

Para fazer referência aos poderes mágicos da deusa, citamos a seguir, o mito de Ísis e Rá, o qual se tornou muito popular entre pesquisadores e interessados na área de Egiptologia. O mito consiste em apresentar uma História de que a deusa Ísis, esposa de Osíris – deus dos mortos – carregava consigo o desejo pessoal de descobrir o nome verdadeiro do deus sol, antes desconhecido de todos visando obter domínio sobre seu poder divino. Para isso, diz o mito, teria feito com que uma serpente envenenasse o deus solar Rá, levando-o à beira da morte. Ísis não deixa o deus sol morrer e em troca de sua cura, Rá teria que lhe dizer seu verdadeiro nome. Posteriormente ao fato, com o poder adquirido por Ísis a partir desse conhecimento, essa divindade restabeleceu as forças do deus. Lendas egípcias afirmam que Rá inventou a magia. Os deuses estavam tão ocupados fazendo tudo, que Rá conferiu forma humana para o poder mágico, criando assim a heka.⁶⁹⁴ O mito de Rá, considerado o deus-sol no Antigo Egito, estava conectado à deusa Ísis, e ao poder da heka; a magia egípcia. Além de heka, outro nome para magia era akhu, que pode ser traduzido como fórmula de encantamento, feitiço ou feiticeiro. Geraldine Pinch ratifica que, havia uma distinção entre o trabalho dos magos itinerantes que vagavam pela polis e o ofício dos sacerdotes egípcios, pois os magos tinham clientes que pagavam pelos seus serviços e faziam parte de uma espécie de congregação e diferentemente dos sacerdotes, não era exigido autoridade moral dos feiticeiros.

Sobre o uso da magia egípcia, destacam-se ainda alguns objetos considerados mágicos por sacerdotes e sacerdotisas no Antigo Egito, por exemplo, um amuleto de proteção chamado Tyet, comumente conhecido como “Nó de Ísis”, o qual está relacionado à deusa Ísis e seus poderes. Esse item teria formato similar ao Ankh, amuleto que, para os antigos egípcios, representava a vida. No entanto, o Tyet teria as extremidades laterais curvadas para baixo.

⁶⁹³ ELLIS, 2003, p. 92

⁶⁹⁴ REED, Ellen, Cannon. Circle of Ísis: Ancient Egyptian Magick for Modern Witches. Edited by Christen Mohn. Typeset by Eileen Dow Munson. Cover design by Melvin L. Harris. Printed in the U.S.A by Book-Mart Press. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data: Canada, 2002.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

Segundo a crença dos antigos egípcios, esse amuleto garantiria a proteção mágica para aqueles que o utilizassem.⁶⁹⁵ Ratifica Ellen Reed que “A deusa fala através das sacerdotisas”⁶⁹⁶. As sacerdotisas e os sacerdotes, realizavam os ritos através de grandes espetáculos e cerimônias, ofertando para Ísis incenso de mirra, óleos, flores da acácia, ganhos da macieira, açafraão, lótus, papiros, rosa além de algumas ervas, tais como a camomila, alho, a hena, cebola, arruda e artemísia. Estas ervas e flores, além de suas propriedades medicinais para cura de doenças e alívio de dores, também eram utilizadas pelos antigos magos egípcios com a finalidade de atrair o afeto do ser amado, através do uso da magia. Inclusive, poções de amor eram feitas a partir da acácia, das folhas da macieira, do abacateiro e da arruda. Os Mistérios de Ísis eram realizados nos templos de Hathor, em Dendera, no templo de Osíris, em Abidos, no templo de Hórus, em Edfu e no templo de Ísis, em Filae e no templo de Ísis-Hathor, em Mênfis. Estas cerimônias ocorriam com ou sem a presença real do faraó, e tinham como objetivo, apresentar a deusa Ísis expressando tanto o luto pela perda do ser amado, seu marido-irmão Osíris, quanto de celebrar seu renascimento, já que Osíris retornou do mundo dos mortos, Duat, devido ao uso dos poderes mágicos e do sentimento de afeto de sua esposa por ele, afirma a autora.⁶⁹⁷

De acordo com Ellis⁶⁹⁸ “o aspecto feminino do divino traz à tona o mistério da vida e da morte”, Ísis, a sua irmã gêmea Néftis e suas sacerdotisas eram protegidas pelos escorpiões, afirmam relatos recentes, diz a autora. Em sua obra⁶⁹⁹Olivia Robertson destaca algumas características da deusa-mãe Ísis, como seu poder mágico, o qual se tornou muito popular no Antigo Egito, na Grécia e em Roma⁷⁰⁰ como explica Garland, Suarez, Jones e Burkert.⁷⁰¹ A sua adoração no Mundo Antigo expandiu-se rapidamente e tornou-se tão popular e poderosa que pôs sob ameaça, tanto os cultos a outros deuses, como também a autoridade política do Estado. Normandi Ellis ressalta que as celebrações e rituais em honra da deusa egípcia na cidade de Coptos, por exemplo, eram tão poderosos que alguns fiéis diziam estar de posse do espírito da deusa. A divindade tornou-se conhecida pelos fiéis ao

⁶⁹⁵ TOLEDANO, 2004.

⁶⁹⁶ REED, 2002, p. 129.

⁶⁹⁷ ELLIS, 2003.

⁶⁹⁸ ELLIS, 2003: p. 93.

⁶⁹⁹ ROBERTSON, Olivia. Priestesses of Isis in: [Female Leaders in New Religious Movements](#). Janeiro, 2017. DOI:10.1007/978-3-319-61527-1.

⁷⁰⁰ ROBERTSON, Olivia. Priestesses of Isis in: [Female Leaders in New Religious Movements](#). Janeiro, 2017. DOI:10.1007/978-3-319-61527-1.

⁷⁰¹ GARLAND, 1987; SUAREZ, 1981; JONES, 1997; BURKERT, 1986.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

passar dos milênios por diversos títulos e possuidora de infinitos atributos, até mesmo recebendo o epíteto de “Senhora dos Mil Nomes”, como se encontra exemplificado a seguir: Senhora da abundância, dos Campos, do Oeste, Senhora das Coisas Verdes, dos Mistérios, Senhora da Casa Grande, Senhora do Silêncio, A bem Amada em todas as Terras, Senhora do Nilo, Deusa entre os Deuses, Aquela que dá origem ao Céu e à Terra, Aquela que conhece o órfão, Aquela que conhece a aranha viúva, Aquela que procura justiça para os pobres, Aquela que procura abrigo para as pessoas fracas, Aquela que é Todos, a mais brilhante no firmamento, Senhora da Casa da Vida, Aquela que sabe fazer o uso correto do Coração, Doadora da Luz do Céu, Lua brilhante sobre o Mar, Aquela que faz sorrir, Senhora do Calor e do Fogo, A Fazedora de Reis.⁷⁰²

Hathor era vista como a filha de Rá e seu nome estava interligado a Sete denominações e aspectos da deusa adorados por seus sacerdotes e sacerdotisas. As oferendas de presentes pessoais ocorriam por parte de algum fiel que esperava obter para si algum benefício, afirma Baines. Em busca da atração do amor do alvo, os fiéis costumavam realizar orações, pedidos e preces de agradecimento, e levavam ao templo da divindade, localizado na cidade de Dendera, oferendas de comida, bebida e papiros no dia 2 de novembro, dia da festa da Colheita do Papiro para Hathor, seguindo assim, o calendário⁷⁰³ das festividades⁷⁰⁴ egípcias em honra a esta deusa. O início do evento era marcado pelo dia 2 de novembro, pois “cai no meio da estação da cheia”, posteriormente ao processo de retrocesso das águas do rio Nilo sobre as plantações.⁷⁰⁵

Sendo deusas do céu, Ísis e Hathor exibiam semelhante poder lunar. A ligação entre mulheres e as deusas com chifres remonta a 18000 a.C. O chifre entalhado simboliza os treze meses lunares relacionados ao ciclo menstrual e a sua iniciação na maternidade. As luas crescentes, falavam de suas qualidades lunares nos fluidos geradores de vida dos Mistérios femininos: Leite, sangue e água do Nilo. Hathor também é a patrona da Astrologia, arte mântica que começa com a observação da ligação entre a Lua e os ciclos da vida humana.⁷⁰⁶

Júlio César Mendonça Gralha ratifica sobre Hat Hor, (Hathor) que, um outro mito

⁷⁰² ROBERTSON, 2017.

⁷⁰³ ELLIS, Normandi. Deusas e Deuses egípcios: Festivais de Luzes, celebrações para as estações da vida baseadas nos mistérios das deusas egípcias. Tradução: Marcos Malvezzi Leal: Editora Madras, 2003, pp. 23-25.

⁷⁰⁴ TOLEDANO, Joseph. Egyptian Magic: The Forbidden Secrets of Ancient Egypt. Astrolog Publishing House Ltd. Israel: 2004, pp. 75.

⁷⁰⁵ ELLIS, 2003.

⁷⁰⁶ ELLIS, 2003, p. 199.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

famoso entre os antigos egípcios, e que eles contavam, falava sobre a história das Sete Hathors, a qual significava no imaginário dessa sociedade a representação dos sete aspectos da deusa: O feminino, a fertilidade, o destino, a felicidade e os prazeres, “patrona dos ébrios, músicos e dançarinos.”⁷⁰⁷ As denominações variam de acordo com a cidade e com os cultos locais de cada região. A deusa possuía, dentro da religiosidade egípcia, muitos atributos. Júlio Gralha cita em seu trabalho⁷⁰⁸ que, entre os atributos, se destacam o amor, a beleza, a sexualidade, a dança, a música e a alegria. Por exemplo, os festivais públicos que ocorreram no início da 4ª dinastia constituíam a principal festividade local e também uma oportunidade para que os indivíduos comuns pudessem estreitar vias de proximidade e de comunicação com as divindades, fazendo-lhes apelos e preces. Durante os rituais, os deuses poderiam manifestar sua presença para os fiéis através de bênçãos ou de oráculos. Os rituais precisavam ocorrer de acordo com o calendário oficial de festas egípcias de cada região, e para todos os ritos que tomavam parte nos templos, era necessário haver sacerdotisas e sacerdotes especializados para a limpeza, manutenção, purificação e ofertas de comida e bebida para os deuses. Somente um número reduzido de pessoas participava dos cultos atuando através do ofício de ser um sacerdote ou uma sacerdotisa de certa divindade, servindo por um mês a cada quatro, e cada sacerdote (a) só poderia cultuar um aspecto ligado ao deus.⁷⁰⁹

A presença da divindade egípcia mitologicamente⁷¹⁰ relacionada ao amor e à beleza, Hathor está materializada através da iconografia retratada por meio da paleta do faraó Narmer (aproximadamente 3200 – 3100 a.C.). Este governante unificou as terras respectivas ao Baixo e o Alto Egito, ao Sul e ao Norte. Seu nome egípcio era ḥwt-ḥrw ou ḥwt-ḥr, normalmente traduzido como "morada de Hórus." Os títulos ou epítetos reais da deusa, segundo as fontes de pesquisa⁷¹¹ são estes: “A Grande Vaca Selvagem”, “A Distante” ou “A

⁷⁰⁷GRALHA, 2012, p. 06.

⁷⁰⁸GRALHA, Júlio César Mendonça. CARIA, Thamís Malena Marciano. Hathor, Atributos e Mitos: Sem ela, o amor, o prazer e a felicidade não são eternos. *Philia*, - Informativo de História Antiga – Jan, Fev, Mar de 2012 – Núcleo de Estudos da Antiguidade – UERJ.

⁷⁰⁹BAINES, 2002.

⁷¹⁰ PLUTARCO. De Ísis e Osíris. Edição Bilingue. Tradução, Edição e Notas: Maria Aparecida de Oliveira Silva. Copyright © 2022 by Maria Aparecida de Oliveira Silva.

⁷¹¹ The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. Dr. Ogden Goelet. Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991. ELLIS, Normandi. Deusas e Deuses egípcios: Festivais de Luzes, celebrações para as estações da vida baseadas nos mistérios das deusas egípcias. Tradução: Marcos Malvezzi Leal: Editora Madras, 2003. BAINES, John. As religiões no Egito Antigo: Deuses, Mitos e Rituais Domésticos. Byron E. Shafer (org.) John Baines, Leonard H. Lesco, David P.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

Senhora do Ocidente” pois era a senhora do deserto e das terras estrangeiras, “A Senhora Turquesa” e “A Dourada” uma vez que era também a deusa dos metais e dos minérios, e “A Senhora do Submundo”, sendo ela protetora dos mortos. Seu culto remete ao período compreendido cronologicamente como pertencente ao Reino Antigo (2686-2181 a.C.), ou Egito faraônico, e a vaca era considerada símbolo da fertilidade.⁷¹² A sua importância no Antigo Egito era tamanha que, a maioria das mulheres egípcias eram seguidoras de Ísis e Hathor e mantinham suas estátuas em locais reservados da casa.⁷¹³ Havia ainda aqueles que tinham sido iniciados nos Mistérios de Hathor, e estes não comentavam os detalhes dos ritos em público. As ervas e plantas dedicadas a honrar a deusa nos rituais de invocação de seus poderes mágicos eram o Abacateiro, a Mirra e a Rosa. Ela sempre foi representada de muitas maneiras e os egípcios consideravam que as plantações de papiros eram o seu lar.⁷¹⁴

O nome da divindade egípcia Néftis foi encontrado escrito nas placas de impreciação dos defixiones, como aponta nosso catálogo de artefatos arqueológicos analisados ao decorrer deste trabalho de pesquisa. A deusa Néftis, estava relacionada ao pôr-do-sol, à proteção dos túmulos e à morte. Ela era irmã de Ísis, e gerou um filho de Osíris, que de acordo com Rosalie David mantinha associações lunares, assim como Thoth, Shu, Min e Khonsu. Néftis era a esposa do deus Seth, ou Typhon Seth, a divindade responsável pelas tempestades, pelo deserto, pela necrópole, pela violência e pelo caos.⁷¹⁵ Néftis é descrita na Mitologia, como a deusa do caos, e seu nome significava fim e vitória. Ela governava o inconsciente e a terra dos sonhos. Existe uma passagem do Texto dos Sarcófagos que mantém estreita conexão com os poderes da deusa egípcia, o qual diz: “Secretos são os caminhos para aqueles que passam quando a luz perece e a escuridão chega”⁷¹⁶. Néftis, foi representada através das histórias baseadas na literatura⁷¹⁷ e na mitologia⁷¹⁸ egípcia, como sendo a irmã gêmea de Ísis e a mãe de Anúbis, deus do submundo e que abre os caminhos. Normandi Ellis, compara o relacionamento de união entre as duas irmãs Ísis e Néftis, com as deusas sumerianas do nascimento e da morte, Inanna Ereshkegal, cujo nome está presente nos textos de invocação, que compõem a fórmula denominada como Love Spell Greek

Silverman; Tradução de Luís S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

⁷¹² GRALHA, 2012.

⁷¹³ ELLIS, 2003.

⁷¹⁴ Op., Cit., 2003.

⁷¹⁵ DAVID, 2011.

⁷¹⁶ ELLIS, 2003, p. 294

⁷¹⁷ ARAÚJO, Emanuel. Escrito para a Eternidade. Editora UNB: 2022.

⁷¹⁸ PLUTARCO. De Ísis e Osíris. Edição Bilingue. Tradução, Edição e Notas: Maria Aparecida de Oliveira Silva. Copyright © 2022 by Maria Aparecida de Oliveira Silva.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

Magical Papyri, Nº IV/ E27.145b e é parte de nosso corpus documental e está disponível nos tópicos 6. Anexo de Tabelas, 6.1. Tabela I: As Divindades Estrangeiras Cultuadas na Região do Porto do Pireu e 6.2. Tabela que apresenta as informações pertinentes a composição do corpus documental deste trabalho de pesquisa. Néftis ainda ficou conhecida no imaginário religioso popular dos antigos egípcios como “Senhora da Casa” ou “Senhora do Castelo”. A deusa foi considerada também, como uma mulher com a cabeça de cobra, uma serpente com cabeça de mulher ou um escorpião no lugar da cobra. Em outras versões, a iconografia apresenta Néftis trazendo um adorno acima da cabeça, que é o pilar que sustenta o trono, símbolo do nome de sua irmã, Ísis.⁷¹⁹ Ellen Cannon Reed em sua obra⁷²⁰ ratifica que, do ponto de vista das sacerdotisas de Ísis, ela era considerada mãe, esposa, irmã, rainha, sábia e detinha poderes criativos de magia. Todos aqueles sofreram ou que perderam um amor faziam apelos para Ísis, em busca de conforto, ele defendeu sua irmã dos ataques dos escorpiões, todos os pais clamam à deusa por proteção para seus filhos, ela ressuscitou seu marido morto.⁷²¹ Ísis foi comparada à deusa mitológica nórdica Freya⁷²² e às deusas célticas Rhiannon⁷²³ e Morrigan⁷²⁴. A divindade egípcia é frequentemente representada através de registros iconográficos, carregando um ornamento acima da cabeça, que muitas pessoas pensam que este símbolo é um disco solar, mas não. O que aparenta ser a figura do sol na realidade é a representação da estrela Sírius conhecida pelos egípcios como Sopdet, e pelos gregos como Sothis. Para os romanos, Ísis era uma deusa do mar, e afirma a autora que, a população gostava tanto da divindade egípcia, que falavam sob sua fama por onde passaram. Os romanos levaram seu culto para Roma, o qual era realizado uma vez ao ano, onde toda a frota de navios romanos era então abençoada pelos deuses durante as festividades religiosas da comunidade local. Até mesmo na Inglaterra, os arqueólogos encontraram um templo para culto à deusa, além de algumas estátuas de Ísis, com seu filho Heru em seu colo, sendo amamentado pela mãe.⁷²⁵

Para complemento deste capítulo, gostaríamos ainda de ressaltar a existência e a

⁷¹⁹ ELLIS, 2003.

⁷²⁰ REED, Ellen, Cannon. Circle of Ísis: Ancient Egyptian Magick for Modern Witches. Edited by Christen Mohn. Typeset by Eileen Dow Munson. Cover design by Melvin L. Harris. Printed in the U.S.A by Book-Mart Press. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data: Canada, 2002.

⁷²¹ REED, 2002.

⁷²² Deusa da mitologia nórdica ligada ao amor, à fertilidade, à beleza, feitiçaria, à luxúria, à guerra e à morte.

⁷²³ Deusa celta da fertilidade, da terra e dos cavalos.

⁷²⁴ Figura divina da mitologia irlandesa celta, ligada à guerra e à morte.

⁷²⁵ Op., Cit., 2002.



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

circulação da prática de magia a qual tinha por objetivo, prejudicar o inimigo, a qual manteve estreita conexão com presença das deusas egípcias citadas no decurso do capítulo e que, de acordo com a documentação analisada e com os relatos obtidos da historiografia contemporânea, emergiu a partir do V a.C., em Atenas, Grécia, onde os diversos nomes de deuses estrangeiros passam a ser cultuados nos templos localizados na região do Porto do Pireu, principalmente as divindades egípcias. Fontes textuais, bibliográficas e epigráficas reforçam a nossa hipótese, pois indicam que tais fatos possivelmente ocorreram com base no contexto vivenciado pelas sociedades gregas e egípcias, diante do recorte temporal escolhido para esta análise e trabalho de pesquisa. Helenistas, professores especialistas, historiadores, filósofos e arqueólogos, em seus escritos, apontam para a existência de contatos culturais estabelecidos entre os gregos e os egípcios, partindo de relações comerciais entre Egito e Grécia, ou seja, Náucratis e Atenas, os quais ocorriam através de vias marítimas.

As lâminas de chumbo e os PGM (Papiros Greco-Egípcio Mágicos) analisados, trazem textos qualificados pelos arqueólogos, como imprecação amorosa, (feitiço de amarração) escritos em sua superfície pelos magos locais invocando os nomes das divindades gregas ctônicas, como os nomes das deusas egípcias, tais como Ísis, Néftis, Osíris, Anúbis, Thoth e Typhon Seth. Portanto, consideramos necessário apontar a seguir, os textos onde estão escritos nomes das divindades egípcias cultuadas pelos habitantes do Pireu e invocadas pelos fiéis em forma de prece e apelos, mas também, através dos rituais de magia e das palavras dos feiticeiros como vamos descrever a seguir estas palavras encontradas escritas na superfície de uma das lâminas que faz parte de nosso corpus documental, a qual foi analisada e passou pelo processo de tradução do texto, a saber:

O que nos chamou a atenção na lâmina de imprecação amorosa é que apresenta o nome da vítima Eros, o filho de Isigenia, pois tal nome detém proximidade com a deusa Ísis como nascida de Isis, também ressaltamos a presença da evocação ao deus egípcio ctônico Typhon, bem como a sonoridade das palavras incompreensíveis como *lao lakonbiaioerbeth Bolchoseth Patathnax Apompso*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Escritas:



A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS

Hutflesz e Oliveira, 2025.

HERÓDOTO. **História** (484 a.C. – 425 a.C.). Traduzido do grego por Pierra Henri Larcher. Fontes digitais desta edição, Volumes XXIII e XXIV. Clássios Jackson. W. M. Jackson Inc., Rio, 1950. Versão para o português de J. Brito Broca: Editora eBooksBrasil, 2006.

Fontes Literárias:

Plutarco. **De Ísis e Osíris**. Edição Bilíngue. Tradução, Edição e Notas: Maria Aparecida de Oliveira Silva. Copyright © by Maria Aparecida de Oliveira Silva. 2022.

Bibliografia:

ARAÚJO, Gabriel da Silva. PEREIRA, Daniela Nunes Pego. **Religião e Política: Alexandre, o Grande e sua legitimação religiosa no Egito sob o olhar da iconografia monetária**. Monografia apresentada para trabalho de conclusão de curso, como parte dos requisitos do curso da graduação em licenciatura de História da Universidade de Santo Amaro. Orientador: Prof.a Dra Raquel Paz dos Santos Co Orientador: Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto, São Paulo: 2013.

BRANCAGLION Jr. Antonio. **O eufemismo da morte no Antigo Egito**. Clássica, São Paulo, 7/8: 25-32, Pgs: 25-32, 1994-1995.

BURKERT, W. **Antigos Cultos de Mistério**. EdUSP: 1986.

CANDIDO, M. R. **As Práticas da Magia dos katádesmoi na Atenas Clássica e Helenística**. Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos, n. 9, p. 16-25, 2017. ISSN: 2318-9304. NEA – UERJ: 2006.

Filtrokatadesmos: a simbiose entre os deuses gregos e egípcios nos períodos clássico e helenístico. Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos, n. 17, p. 107-123, ISSN: 2318-9304, 2021.

A Feitiçaria na Atenas Clássica. Editora Letra Capital: 2004. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Artes de fazer. Tradução: E. Ferreira Alves, Petrópolis: Editora Vozes. 1998.

DAVID, Rosalie. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Tradução: Ângela Machado, São Paulo: DIFEL. 2011.

ELLIS, Normandi. **Deusas e Deuses egípcios**: Festivais de Luzes, celebrações para as estações da vida baseadas nos mistérios das deusas egípcias. Tradução: Marcos Malvezzi Leal: Editora Madras, 2003.

GARLAND, Robert. **Introductioning New Gods**. Gerald DuckWorth&Co. Ltd: London. 1992.

GRALHA, Júlio César Mendonça. **A legitimidade do poder no Egito ptolomaico**: cultura



**A PRÁTICA DA MAGIA AMOROSA NO ANTIGO EGITO: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA DAS PRÁTICAS
MÁGICAS GREGAS E EGÍPCIAS**

Hutflesz e Oliveira, 2025.

material e práticas mágico-religiosas. Tese (doutorado) apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: [s.n.], 2009.

GORDON, R. L.. **Greek Religion**. Vol. 49, Edição nº 2. Max Weber Kolleg, Alemanha: Outubro, 2002, PP. 262-269.

HELCK, Herausgegeben Von Wolfgang, (editores) O'CONNOR, David, SILVERMAN, David P. Ancient Egyptian Kingship. **Probleme der Ägyptologie**. E.J. Brill Leiden, New York: Köln, 1995.

JONES, Peter V. O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 156.

JONES, Prudence J. **Africa: Greek and Roman - Perspectives from Homer to Apuleius**. Oxford University Press: 2009.

MARK. Joshua J. **Letters to the Dead in Ancient Egypt**. Junho: 2017. Artigo publicado em meio digital. Ver em: [https:// in-ancient-egypt/](https://in-ancient-egypt/).

RITNER, Robert Kriech. **A Mecânica Prática Mágica do Egito Antigo**. Chicago: 1993. ROBERTSON, Olivia. Priestesses of Isis in: Female Leaders in New Religious Movements. Janeiro, 2017. DOI:10.1007/978-3-319-61527-1.

PINCH, Geraldine Harris. **The Egyptian Magic**. London: British Museum Press. 1994. REED, Ellen, Cannon. Circle of Ísis: Ancient Egyptian Magick for Modern Witches. Edited by Christen Mohn. Typeset by Eileen Dow Munson. Cover design by Melvin L. Harris. Printed in the U.S.A by Book-Mart Press. Library of Congress Cataloging-in- Publication Data: Canada, 2002.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. **A Magia para o Amor e para a Fertilidade no Mundo Grego**. Dossiê Nearco – Revista Eletrônica de Antiguidade: 2012.

SUAREZ, Dom Placido. **Isis: La Oligarquia Ateniense e las Tradiciones Aticas**. Memórias da HistóriaAntiga. Dialnet.Unirioja.net: 1981.

TOLEDANO, Joseph. **Egyptian Magic: The Forbidden Secrets of Ancient Egypt**. Astrolog Publishing House Ltd. Israel: 2004.

The Book of Going Forth by Day: The Complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full-color images. Dr. Ogden Goelet. Jr. Dr. Raymond O. Faulkner. Carol A. R. Andrews. J. Daniel Gunther. James Wasserman. Twentieth Anniversary Edition. Chronicle Books, San Francisco: 1991.